

# LA DOCE

## **A EXPLOSIVA HISTÓRIA DA TORCIDA ORGANIZADA MAIS TEMIDA DO MUNDO**

**Gustavo Grabia**

Tradução

**Renato Rezende**



© Gustavo Grabia

Esta edição foi publicada com a autorização da Editorial Sudamericana.  
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Coordenadora editorial  
*Tatiana Fulas*

Assistente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*  
*Juliana Paula de Souza*  
*Ana Luiza Candido*

Assistente de arte  
*Alex Yamaki*  
*Daniel Argento*

Projeto gráfico e capa  
*Alex Yamaki*

Diagramação  
*Negrito Produção Editorial*

Preparação  
*Beatriz de Freitas Moreira*

Revisão  
*Telma Baeza Gonçalves Dias*  
*Juliana de Araújo Rodrigues*  
*Gustavo Longhi de Carvalho*

Impressão  
*Loyola*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Gabria, Gustavo

La Doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo/ [Gustavo Grabia]; [tradução de Renato Rezende]. – São Paulo: Panda Books, 2012. 192 pp.

Tradução de: La Doce: la verdadera historia de la barra brava de Boca

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-7888-204-4

1. Futebol – Torcedores – Argentina. 2. Futebol – Torcedores – História. 3. Club Atlético Boca Juniors – Argentina – História. I. Título.

12-0301

CDD: 796.334098211

CDU: 796.332(821.11)

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## SUMÁRIO

Torcida organizada, por Mauro Cezar Pereira .....	5
Introdução – O estranho caso do chapéu preto .....	11
1. Por que La Doce?.....	13
2. A barra de Barritta .....	33
3. O reinado de Di Zeo .....	77
4. Tropeço + tropeço + tropeço = queda.....	119
5. A sucessão .....	139
6. Tudo volta.....	179
Esta história continuará... ..	187
Agradecimentos .....	189
Referências bibliográficas.....	191

## **TORCIDA ORGANIZADA**

**Ruim com ela, pior sem ela. Mas, com tanta violência,  
algo precisa ser feito**

Demonizar as torcidas organizadas é o “esporte” de nove entre dez jornalistas esportivos brasileiros sempre que elas protagonizam tumultos. Não por acaso, elas são alvo dessas críticas, é claro. Mas reduzir a atuação de tais grupos a brigas e confusões é um equívoco. O velho erro da generalização. As mesmas TVs e jornais que censuram os grupos também veiculam com destaque fotos e imagens dos belos espetáculos feitos pelos torcedores. Espetáculos que têm fundamental colaboração das mesmas facções, que, como tudo na vida, têm seu lado bom e ruim. O problema é que essa parte, digamos, podre, em alguns casos invade o território da criminalidade, e isso repercute mais do que qualquer show nas arquibancadas. O lado ruim ofusca o bom.

O fenômeno das torcidas organizadas surgiu no país há mais de setenta anos, no final da década de 1930, com a reunião de torcedores do São Paulo. No começo dos anos 1940, apareceria a faixa “Avante Flamengo”. Começava a se configurar ali a Charanga de Jaime de Carvalho. Em comum nesses grupos de torcedores pioneiros no futebol brasileiro, havia o intuito de incentivar seus times, de fazer a festa nas arquibancadas. Festas animadas por bandinhas. Era o início e a primeira grande contribuição à beleza do cenário de um jogo, dada pelos fãs agrupados e com um líder. Estádio de futebol não é teatro, embora nele não seja proibido se comportar como na ópera, em silêncio. Mas quando quem vai ao jogo age apenas como plateia, tudo fica insosso, sem graça. Muitas vezes, as organizadas são um antídoto contra a monotonia.

Tendo como embrião o Grêmio São-Paulino da Mooca, a Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp) surgiu em 1939, seguida pela Charanga do Flamengo, de 1942. A expressão que hoje identifica todas as facções apareceria em 1944 com a criação da Torcida Organizada do Vasco (TOV). Foi a primeira de uma série com a mesma denominação no Rio de Janeiro. Logo vieram as Torcidas Organizadas do Fluminense (1946), do Bangu (1952) e do Botafogo (1957). Em 1967, com o intuito de participar da política do Flamengo, apareceria no Maracanã uma faixa com a inscrição “Poder Jovem”. Tal grupo,

posteriormente, seria o primeiro a adotar o nome Torcida Jovem (TJF). No mesmo ano, apareceria a Jovem Flu, de curta existência.

Objetivos parecidos tinham os que, em 1969, fundaram a Gaviões da Fiel, obviamente insatisfeitos com o jejum de títulos do Corinthians, que já durava 14 anos. No mesmo ano, apareceriam as Torcidas Jovens do Botafogo (TJB), do Santos e da Ponte Preta. Em Minas, veio a Dragões da FAO (Força Atlética de Ocupação) e em Porto Alegre a Camisa 12, do Internacional. Já 1970 marcou a estreia da Jovem do Cruzeiro, enquanto os jogadores de outro ex-Palestra Itália ganhavam o incentivo da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP). No mesmo ano viriam a Força Jovem do Vasco, a Força Flu e a Young Flu. A corintiana Camisa 12 é de 1971, como a Inferno Rubro, do América (RJ). No ano seguinte, a Leões da Fabulosa começou a apoiar a Portuguesa, e os são-paulinos fundaram a Torcida Tricolor Independente. Seu crescimento, pouco a pouco, praticamente decretou a extinção da pioneira Tusp, em 1995.

Mas grande parte dessas facções do período 1967-1972 até hoje é expressiva e numerosa. Contudo, outras torcidas importantes surgiram na segunda metade da década de 1970 e nos anos 1980. É o caso da Raça Rubro-Negra, que inovou nas arquibancadas torcendo de pé por todo o tempo. Criada em 1977, não demorou a se tornar a maior organizada do Flamengo. Naquele mesmo ano, em Minas Gerais, apareceria a Máfia Azul, a mais importante facção do Cruzeiro, além da Koelhomania, do América; no Paraná, foram criados Os Fanáticos e Império Alviverde, as principais de Atlético e Coritiba; e no Rio Grande do Sul surgiu a Jovem do Grêmio e a Super Fico (Força Independente Colorada). Em Belo Horizonte, a Galoucura, há tempos a principal facção do Atlético, só apareceria em 1984.

O futebol estabelece rivalidades. Lados antagônicos podem despertar o ódio, que leva ao desentendimento e, muitas vezes, a brigas. Se todo ser humano tem um lado violento, em geral contido, existem aqueles que, de alguma forma, despertam essa característica quando encorajados. Fazer parte de um grupo é o que acende o pavio e os leva à ação. Não é raro encontrar nas organizadas pessoas de comportamento pacato que se transformam, ficam extremamente agressivas quando integradas a elas. Isso explica, em parte, a atração que facções brigonas despertam em seus novos integrantes. É assim desde o final dos anos 1960, situação que se acentuaria com o tempo. A conclusão: torcida que não briga não cresce.

No final dos anos 1970, início dos 1980, para muitos a torcida do Palmeiras tinha a (má) fama de sempre apanhar. Assim, componentes de três

facções – Império Verde, Inferno Verde e Grêmio Alviverde – se uniram para criar a Mancha Verde. Esse conceito traduz a frase utilizada para definir a razão da existência do grupo: “Sentia-se a necessidade de se organizar uma nova e sólida representação para a torcida palmeirense nas arquibancadas”. Não por acaso, em pouco tempo, a Mancha passou a ser vista e comentada como a mais violenta do país. Era uma espécie de busca por respeito. Claro, ela cresceu, a TUP ficou menor, e uma das consequências disso foram brigas entre os dois grupos. Algo que também faz parte da tumultuada relação entre a Raça Rubro-Negra e a Jovem do Flamengo, por exemplo.

Lideranças não falam abertamente, não costumam assumir que o perfil violento serve até como instrumento de marketing para atrair novos componentes. O fato é que nas últimas três, quatro décadas, as facções absolutamente pacíficas ficaram praticamente restritas a pequenos grupos. Exceções são raras. Nesse contexto, o argumento mais comum apresentado pelas organizações que brigam é o de que não procuram confusão, apenas se defendem. Oficialmente pode até ser, pois não existe controle sobre os incontáveis sub-grupos que têm prazer em brigar e fazem questão do enfrentamento com os inimigos para enaltecer poderio e coragem. Por isso, muitos deles se autointitulam “o mais temido”, “o terror” (dos rivais) etc.

Se a união faz a força, quando acontece entre torcidas organizadas ela significa muito. A parceria entre Força Jovem do Vasco e Mancha Verde é tão intensa que se tornou comum a mescla de camisetas e o aparecimento de bandeiras de um time no jogo do outro. Os grupos se ajudam, recebem os amigos em viagens às suas cidades, os hospedam nas sedes, fazem churrasco, torcem juntos contra os demais e, claro, brigam. Lutam unidos como fazem TJF e Independente do São Paulo que, por sua vez, é rival da Raça, também do Flamengo. Sim, a união é entre esta e aquela facção, não entre a torcida deste e a daquele time. Hoje, alianças interestaduais se estendem de norte a sul do país, com histórico de amizade e violência.

Outra tendência é a “argentinização”, caso da Geral do Grêmio, criada em 2001, e que sucedeu o movimento Alma Castelhana. Não é exatamente uma organizada, mas um grupo inspirado nos *hinchas* de Argentina, Uruguai e demais países de língua espanhola da América Latina. Cantam, saltam, agitam os braços da mesma forma que os torcedores das nações vizinhas e comemoram gols com avalanches, como na Bombonera. O comportamento dos integrantes tem forte viés regionalista, com a exibição de trapos (faixas de pano) enaltecendo não só o clube, mas também sua histó-

ria e seus ídolos, como a República Rio-Grandense. Barras (faixas verticais) com as cores do Estado são comuns tanto no Estádio Olímpico, como no Beira-Rio. Lá, a Guarda Popular Colorada, de 2003, fruto da fusão de dois outros grupos, adota comportamento semelhante, exceto nas festas pelos gols do Internacional – sem avalanche.

O fenômeno tomou de tal forma o Rio Grande do Sul que os clubes do interior também têm suas barras, como a Loucos da Papada, do Juventude. A influência portenha se espalha pelo país. De diferentes formas, as torcidas passaram a ocupar as arquibancadas seguindo a inspiração argentina. Caso da Camorra 1914 (Palmeiras), Legião Tricolor (Fluminense), Movimento 105 Minutos (Atlético Mineiro), Guerreiros do Almirante (Vasco), Movimento São-Paulinos, Loucos pelo Botafogo, Nação 12 (Flamengo), Squadra Azul (Cruzeiro), Povão Coxa Branca (Coritiba), entre outras. A Geral do Grêmio já sofreu um racha que provocou o surgimento da Velha Escola. O mesmo ocorre do lado rival, com o nascimento da Popular do Inter ou Os de Sempre.

As maiores barras dos grandes gaúchos são, há algum tempo, bem mais numerosas do que as organizadas. E a violência faz parte de seus currículos. Não que a influência vizinha faça desses torcedores mais encrenqueiros com a inspiração dos barras bravas argentinos. Digamos que nem é preciso. O perfil agressivo de alguns componentes registra apenas uma sequência daquilo que já se observava quando as torcidas nos moldes brasileiros ainda dominavam o Sul do país.

A Geral do Grêmio protagonizou um episódio de enorme repercussão quando foram incendiados banheiros químicos do estádio do Internacional, o Beira-Rio, durante a disputa de um Gre-Nal, em 2006. Do lado colorado, um ex-líder da Guarda Popular teve a prisão preventiva decretada no início de 2012 e foi considerado foragido. As acusações? Tentativa de homicídio, formação de quadrilha, promover tumulto, praticar ou incitar a violência. Isso não é exatamente algo novo, pelo contrário; muito antes da “argentinização” tais problemas já eram rotineiros.

Tanto que os tempos das brigas sem armas de fogo ficaram nos anos 1970. A década seguinte teve os primeiros registros de conflitos com revólveres. Nas viagens para acompanhar o time, mais amplas e frequentes desde o final da década de 1960, carros fazendo escolta com integrantes armados ou emboscadas aos ônibus visitantes se tornaram frequentes. Tudo isso fez com que a sociedade passasse a ver as organizadas quase que totalmente como grupos de marginais, nocivos ao futebol.

Não se pode condenar tais reações de quem constata confusões, brigas, feridos e mortos em decorrência dos confrontos. Mas é ingenuidade pensar que proibi-las pura e simplesmente resolveria tal questão. Após a violenta batalha entre são-paulinos e palmeirenses transmitida ao vivo pela televisão ao final de uma partida de juniores no Pacaembu em 1995, quando um torcedor morreu, a Justiça colocou as facções na ilegalidade. Banidas, na teoria, continuaram frequentando os estádios, nos mesmos locais, sem faixas, camisetas e bandeiras que identificassem seus componentes. Mas eram as mesmas pessoas, os mesmos grupos. Tal clandestinidade concedia as facilidades do anonimato. Tempos depois, elas retornaram, com novos nomes, como escolas de samba, mas são os grupos de sempre.

Mesmo nos tempos em que não mais existiam oficialmente, as facções continuaram influentes, respeitadas. E há décadas é assim. Se no final dos anos 1960 a Gaviões surgiu para participar da vida do Corinthians, como faz até hoje, nos anos 1980, a Torcida Jovem do Flamengo tornou-se a primeira organizada do país a lançar um candidato à presidência do clube. Betinho não venceu, mas ficava claro que o grupo não estava disposto a ficar fora da política flamenguista. Não por acaso, o atual presidente do Conselho Fiscal do clube é um ex-líder da TJE, Leonardo Ribeiro, o Capitão Leo. Tal alcunha vem dos tempos em que, à frente da Jovem-Fla, ele participou da criação dos “pelotões” nos quais até hoje se divide a torcida autointitulada O Exército Rubro-Negro.

Temidas pela maioria dos jogadores e dirigentes, as organizadas são capazes de eleger vereadores e deputados. Quando querem, em geral conseguem ser recebidas por cartolas, técnicos e atletas, especialmente se resolverem cobrar mais empenho nos momentos ruins do time. Poucos são os presidentes de clubes corajosos o bastante para, por exemplo, cortar o fornecimento de ingressos gratuitos para as facções, que tradicionalmente têm uma quota. Esse tipo de medida gera protestos, abre espaço para que opositoristas se aproximem das torcidas e ganhem apoio na disputa pelo poder, especialmente quando as eleições se aproximam.

Mas torcida organizada não é só violência, tampouco surgiram com esse objetivo. Como nos calorosos *recibimientos* das *hinchadas* argentinas quando seus times pisam o gramado, a entrada em campo se tornou um esperado espetáculo no Brasil. Entre os anos 1960 e 1970, num tempo em que milhares de torcedores iam ao estádio com bandeiras em punho, o show se tornou ainda mais bonito quando as facções se multiplicaram. E passaram a investir naque-

le momento. E tome papel picado e rolos despencando pelas arquibancadas, fogos e cânticos inovadores. Elas se inseriram no evento, fazem parte do show. É preciso aproveitar esse lado, incentivá-lo, e também reprimir as brigas, os crimes, os brigões e os criminosos.

Violência em torcidas organizadas é caso de polícia, de segurança pública. Belas festas e apoio ao time em campo é coisa do futebol. Ao estilo brasileiro ou à moda argentina, o bom é fazer os torcedores ficarem reunidos. Separar a parte podre, isolá-la, eliminá-la é o desafio. Futebol sem torcida é futebol sem festa. E futebol sem festa não é futebol.

MAURO CEZAR PEREIRA  
*Comentarista dos canais ESPN*

# INTRODUÇÃO

## O estranho caso do chapéu preto

Em 2 de novembro de 1924, a Argentina foi jogar a final do Campeonato Sul-Americano de Futebol contra o Uruguai, em Montevideu, e precisava vencer para conquistar o título. O 0 X 0 acabou beneficiando os charruas uruguaios, que conquistaram a sua quarta Copa América. Na saída do estádio houve uma briga com os torcedores argentinos; ela aconteceu nas imediações do Hotel Colón, na esquina da Mitre com a Rolón, na Cidade Velha, onde estava hospedada a Seleção Argentina. Como a Copa havia sido no Uruguai, os argentinos comemoravam que o atual campeão olímpico não podia vencê-los, já que um mês antes, em Buenos Aires, a partida havia terminado em 2 X 1 para a alviceleste. Um grupo de uruguaios começou a zombar dos argentinos por estarem comemorando o segundo lugar na competição e os ânimos se acirraram. A briga deixou um morto por arma de fogo: Pedro Demby, um uruguaio de 22 anos, crime que segue impune há 87 anos.

Por que esse fato é importante?

De acordo com estudo realizado pelo especialista Amílcar Romero, esse foi o primeiro crime de violência comprovável no futebol envolvendo um torcedor argentino. O que tem a ver com a La Doce? Simples: quem terminou acusado pelo crime foi José Lázaro Rodríguez, conhecido como Petiso, um famoso torcedor do Boca e líder número dois da barra (torcida organizada) liderada por José Stella, mais conhecido como Pepino, el Camorrista, “um protegido do goleiro do Boca, Américo Tesorieri, que desde criança sempre ficava atrás do gol do seu ídolo, e o qual os boquenses adotaram como mascote”<sup>1</sup>. Petiso e Pepino, que se hospedaram no Hotel Colón, foram vistos liderando a barra argentina, que havia chegado em duas viagens do navio *Vapor de La Carrera*, que fazia a rota entre Buenos Aires e Montevideu. Ambos usavam chapéu preto, e uma das pistas que os incriminaram foi justamente o chapéu que, segundo declarações de testemunhas, havia sido usado por quem fez os

---

1. ROMERO, Amílcar. *Muerte en la cancha*. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1986.

disparos. Esse chapéu apareceu jogado a menos de quarenta metros do corpo de Demby e tinha a etiqueta da loja onde havia sido comprado: Casa Grande y Marelli, Almirante Brown, 870, no coração da autodenominada República Independiente de La Boca. Mas como acontece hoje, a política da Argentina não se mostrou disposta a investigar crimes de futebol. “Lamentamos muito o incidente sangrento que manchou o digno e prestigioso signo da cultura e o nobre espírito esportivo. Stop”, escreveu Vicente Gallo, ministro do Interior da Argentina, para o seu colega uruguaio por meio de um telegrama. Isso é tudo o que foi feito oficialmente para resolver o caso. Corria o ano de 1924 e a violência no futebol, originada por um integrante da barra brava do Boca, cobrava sua primeira vítima.

A polícia uruguaia, no entanto, não se contentou com essa resposta. De acordo com Oscar Barnade e Waldemar Iglesias, em *Mitos y creencias del fútbol argentino*<sup>2</sup>, o chefe da força policial Juan Carlos Gómez Folle procurava diariamente nos jornais argentinos algo que o trouxesse mais perto da verdade. E a resposta foi encontrada pouco depois. Na edição do dia 4 de novembro de 1924 apareceu no jornal *Crítica* uma foto de um jantar no restaurante El Trapo, que pertencia ao goleiro Américo Tesorieri e era frequentado por vários jogadores e simpatizantes. Com essa foto, e depoimento de testemunhas, Gómez Folle foi capaz de identificar Petiso Rodríguez, que três semanas depois acabou detido e enviado para a prisão de Devoto. Hoje, 87 anos mais tarde, compreendem-se muito melhor as palavras que Rafael Di Zeo, o atual chefe da torcida La Doce, levanta como bandeira: “Vocês acham que mesmo eu estando preso a violência vai acabar? Vocês acham que se colocarem todos nós em uma praça e nos matarem a violência vai acabar? Não, não vai acabar nunca. Você sabe por quê? Porque esta é uma escola. É herança, herança e herança. Vem desde 1931, quando os do River já partiam para cima da La Doce. E continuará para sempre. Porque o futebol é assim. A violência não é gerada por nós, apenas acontece. Está aí, no futebol. A polícia monta uma operação de segurança para que nada aconteça. Mas quando ela falha e as duas barras se encontram, isso acontece. E nunca vai acabar”.

---

2. BARNADE, Oscar & IGLESIAS, Waldemar. *Mitos y creencias del fútbol argentino*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2007.